

Introdução

EM SUA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E SUPERVISÃO CLÍNICA na universidade, o professor-pesquisador orientado pela psicanálise não pode deixar de testemunhar as formas hoje assumidas pelo mal-estar. Suas manifestações entre os jovens – tanto alunos quanto o público externo que procuram os serviços universitários de atendimento psicológico – descortinam quadros de errância, sintomas e suicídio, com os quais os sujeitos respondem a um real que lhes é impossível de suportar. No âmbito de um programa de investigação desenvolvido sob a rubrica “Psicopatologia e Psicanálise”, título de nosso Grupo de Trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp), a consideração sistemática desses quadros levou à elaboração de projetos de pesquisa sobre automutilação, suicídio, angústia precipitada em urgência subjetiva e busca de identidade sexual para além dos tipos ideais tradicionais, em meio a outras problemáticas conexas e recorrentes entre os jovens de diversas cidades, espalhadas de Norte a Sul, por quase todas as regiões do Brasil.

Delineou-se, assim, o objeto, múltiplo por natureza, de um conjunto de investigações e reflexões que impediam a adesão imediata a modos tradicionais de abordagem e o recurso a teorias consagradas e acabadas. Não se tratava de recriar a psicanálise para o tratamento e a investigação no século XXI, posto que ela já se encontra inventada, bem como disseminada e questionada desde a descoberta freudiana. A tarefa consistia antes em inovar no acolhimento das referidas manifestações, em lhes dar um lugar no circuito da palavra e encontrar, segundo a problemática delimitada em cada proposta de pesquisa, o método mais afeito ao objeto de estudo que se impunha a cada pesquisador, objeto peculiar e paradoxal, uma vez

que construído a partir da dimensão objetual dos sujeitos. Essa dimensão se distingue da dimensão objetiva, que, inversamente, prima por excluir o sujeito e a objetividade própria a sua vida pulsional e a seus investimentos nos enlances com os outros.

Colegas de instituição, parceiros em ações de extensão e de pesquisa em interlocução com nossos projetos, se associaram aos integrantes do Grupo de Trabalho e ingressaram nesta coletânea a título de convidados. Um denominador comum reúne os trabalhos aqui apresentados, qual seja, o princípio de priorizar o sujeito e as saídas que ele pode encontrar não sem o concurso de políticas públicas, escuta clínica e demais recursos de educação, saúde e desenvolvimento social.

Não houve da parte dos pesquisadores o intuito de elencar e descrever exaustivamente as variadas apresentações do sofrimento psíquico com que o clínico e o psicanalista se defrontam nos serviços de saúde das universidades. Isso não seria produtivo, nem viável, pois os termos de tal série dariam espaço à inclusão de uma forma irredutível às precedentes. Preferimos, em vez disso, adotar o termo mal-estar, apto a recobrir as inibições, os sintomas e a angústia isolados por Freud, a agregar as passagens ao ato, entre as quais se destacam as automutilações e as tentativas de suicídio, e a recobrir as formas mais difusas de sofrimento psíquico que mobilizam o corpo, adoecendo-o e mortificando-o, como na melancolia, embora não deixem de comparecer em outros quadros clínicos. Ao ressaltar o suicídio, buscamos dar visibilidade a um fato cuja incidência crescente cedo capturou a atenção dos pesquisadores, mas que não deve ser encarado como forma específica de mal-estar, categoria psicopatológica ou sintoma, posto que pode sobrevir em vários quadros, radicalizando apresentações do padecimento capazes de nele culminar. Buscou-se ainda aproximar as problemáticas do mal-estar e do suicídio de modo trans-clínico, isto é, independentemente da estrutura clínica conjecturada por meio do diagnóstico diferencial.

“Eu não procuro, acho”. Esse dito do artista Pablo Picasso foi retomado por Jacques Lacan, a fim de transmitir com ele a posição do psicanalista quanto à pesquisa e ao tratamento. Conforme preconizado desde Freud, estes caminham juntos, de achado em achado, de acordo com o que é dado escutar e ler do inconsciente na fala dos sujeitos. Com base no próprio Freud, é preciso complementar que a indissociabilidade entre tratar e investigar se sustenta até certo ponto. Há um limite além do qual a investigação e a experiência clínica, até então imbricadas, distanciam-se. Além desse ponto, a pesquisa se prolonga enquanto indagação sobre a práxis

da psicanálise e seus rumos, e interrogação dos fenômenos presentes nos laços sociais dos discursos, das produções da cultura, assim como no diálogo com o saber até então instituído.

Jacques Lacan esclarece que o psicanalista precisa ser dois: um que produz efeitos e outro que teoriza os mesmos efeitos. Vale dizer, com seu ato, sua interpretação ou mesmo seu silêncio, um primeiro interpõe um corte na investigação do inconsciente que ele próprio fomenta, enquanto um segundo a retoma em outro patamar, para daí em diante submeter à prova dos conceitos sejam as consequências de sua intervenção no âmbito da experiência clínica, sejam os fatos que, separados da marcha discursiva da civilização, sinalizam a emergência de um real que rompe com a homeostase do funcionamento simbólico. Os textos que se seguem reúnem, assim, quer trabalhos apoiados diretamente na experiência clínica viabilizada pelos dispositivos de atenção à saúde na universidade, quer elaborações baseadas na literatura especializada, nas artes e, por extensão, no laço social sobre o mal-estar contemporâneo, em geral, e o suicídio, em particular.

Como situar o real impossível de suportar que não apenas irrompe nas formas mais drásticas do mal-estar contemporâneo, como passagens ao ato violentas e destrutivas, mas também se apresenta nos conhecidos e, ao mesmo tempo, não familiares ataques de angústia, surtos psicóticos, crises melancólicas e tentativas de suicídio, não raro reiterados por um mesmo sujeito? Esse real, que desponta tanto em manifestações já fartamente repertoriadas quanto em acontecimentos inusitados, foi localizado metapsicologicamente como algo expulso do eu-prazer (*Lust-Ich*), algo desprazeroso que não pode ser admitido, mas subsiste como coisa (*Ding*), um vazio de representação. Desde essa expulsão constitutiva, tributária da pulsão de morte, a parcela repelida, porém não extinta, persiste em exterioridade íntima ao sujeito, que se torna suscetível a sofrer os efeitos de uma excessiva aproximação a esse núcleo não reconhecido de si mesmo. É importante, portanto, ressaltar que tal núcleo se presentifica como impossível de suportar – dor, sofrimento e horror – e em experiências de estranhamento, de difícil assimilação nos quadros da subjetividade e do saber disponível, podendo dar lugar à sublimação em jogo na atividade científica e na criação artística.

Angélica Bastos
Susane Vasconcelos Zanotti